

AS CIÊNCIAS DO ESPORTE E INCLUSÃO SOCIAL. UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA

Silvino Santin

Introdução

Inicialmente é preciso fazer duas observações.

A primeira, a presente reflexão filosófica, em seu ponto de partida, assume os conceitos de Ciências do Desporto e Educação Física como os responsáveis para traçar os rumos não só da área geral – Paz, Direitos Humanos e Inclusão Social –, mas de todas as 26 áreas temáticas do programa.

A segunda, o título proposto, *As Ciências do Esporte e Inclusão Social*, será desenvolvido segundo dinâmicas de reflexão filosófica. Portanto, salvo engano, estaria correto inscreve-la na área temática: Filosofia do Esporte.

E, para continuar, ainda como processo introdutório, nada mais adequado do que adotar uma atitude interrogativa através de três questões.

1. Em que consiste um Congresso de países de língua portuguesa?

Uma resposta simplória e literal diria que se trata de um congresso promovido pelos países que têm como língua oficial o português. Supõe-se que os demais países estariam excluídos. Não acredito, entretanto, que essa resposta seja suficiente. Penso, até, que seria um tanto depreciativa. Obviamente será preciso pensar uma alternativa mais significativa.

Uma resposta, merecedora de maior crédito, no meu entender, apontaria para o fato de que os países de língua portuguesa se reúnem para debater temas e propor contribuições específicas e originais a partir das ciências do desporto e da educação física pelo fato de serem países de língua portuguesa. E, no presente caso, tendo como enfoque as questões da Paz, dos Direitos Humanos e da Inclusão Social.

2. O que entender por ciências do esporte?⁹⁰

Essa questão se abre para um imenso território não muito pacífico e não menos conhecido dos profissionais da área da educação física, o que exigiria uma atenção maior, entretanto, incompatível nos limites de espaço desta reflexão. Apenas, como referência e orientação, aqui, será adotada a compreensão de ciência a partir da idéia da cientificidade das ciências modernas.

Seguindo a preocupação de traçar os passos desta reflexão é preciso sublinhar que na expressão – ciências do esporte – o termo “ciências” será assumido como o elemento lingüístico chave para se pensar a inclusão social. Evidentemente, não são as ciências em seus conteúdos gerais, mas enquanto se dedicam ao objeto esporte.

Neste sentido estariam incluídas todas as ciências vinculadas ao esporte, as que formam praticantes de esportes, as que pensam o esporte e as que se dedicam ao estudo do potencial social, econômico, político, pedagógico ou terapêutico do esporte. A filosofia ou, melhor dito, o filosofar pensa o esporte nas dimensões traçadas pelas ciências. Talvez, seja mais correto afirmar: filosofar o esporte científico. Tarefa assumida por esta reflexão.

3. O que significa inclusão social?

⁹⁰ O termo desporto será substituído pela forma esporte por ser mais utilizado entre nós.

A terceira questão é mais complexa e embaraçosa. Ela o é por duas razões. Uma na área semântica. Outra na área da prática (práxis). A primeira, aparentemente, seria facilmente resolvida pela consulta a bons léxicos. Entretanto, suas informações não incluem as situações das diferentes ordens socioculturais. A segunda, que será o objeto principal desta reflexão, assume uma complexidade extrema se forem consideradas as diferentes ordens sociais atuais com seus níveis de inclusão social.

Assim, como complemento compreensivo desta questão e da dinâmica desta reflexão, nada melhor do que invocar Heidegger ao formular a seguinte pergunta: Was heisst denken? A tradução que se houve, supostamente correta, é: que significa pensar. De fato, em português, parece que não haveria outra tradução melhor. Entretanto, a dimensão semântica fica prejudicada. Vamos a um exemplo que, talvez, ilumine um pouco a questão. O que interessa é o verbo “heissen”. O exemplo, ainda na língua alemã, é este: Wie heisst du? Tradução correta: como tu te chamas? De fato, o verbo heissen (heisen) significa chamar-se. Portanto, a pergunta was heisst denken, traduzida por o que significa pensar, perde seu sentido original heideggeriano.

Desta forma, levando a forma interrogativa heideggeriana para a inclusão social, a pergunta deveria ser: o que ou como se chama inclusão social? Certamente ela teria muitos nomes, ou seja, muitas maneiras de ser operacionalizada.

Permanecendo mais um instante com Heidegger. Ele, reiteradas vezes, faz uma observação, e nisto estão de acordo Foucault e Ricoeur, “muito antes de nós falarmos, as palavras nos falam”. Insiste ele, há muito tempo se perdeu a escuta das palavras falantes, pois fomos habituados a pensar e a falar no interior das línguas faladas.

As palavras, ciências do esporte e inclusão social, falam, não apenas nos limites das significações dicionarizados, mas, e especialmente, na sua fenomenologia universalizada. Este será o desafio a traçar a seqüência de uma reflexão filosofante.

As ciências

A humanidade sempre se orientou pelos saberes que construiu. O que intriga e contrapõe os pesquisadores é a legitimidade destes saberes. A questão pode ser resumida pela preocupação em identificar os fundamentos que estabeleceram e conduziram os diferentes processos de produção de conhecimentos. Neste sentido, o biólogo chileno, Francisco Varela, é muito enfático ao afirmar que, sob o ponto de vista epistemológico, “cada época da história da humanidade produz, por suas práticas sociais quotidianas e sua linguagem, uma estrutura imaginária. A ciência é uma secção dessas práticas sociais, e as teorias científicas da natureza representam apenas uma dimensão desta estrutura imaginária.”⁹¹ Ele acrescenta duas outras observações que, certamente, são muito importantes para esta reflexão. De um lado, observa ele, filósofos e cientistas modernos, desde Alexandre Koyré, reconhecem que a imaginação científica se transforma radicalmente de uma época para outra. De outro lado, continua Varela, sendo a ciência uma atividade social, ocorre que ela é atravessada por correntes de poder que conferem a certos domínios mais autoridade do que a outros⁹².

Diante das afirmações de Varela fica claro que há uma distinção entre cientificidade e ciências. As ciências são organizações de saberes, fundadas num determinado paradigma epistemológico. Aqui poderiam ser incluídos os paradigmas míticos, fundadores das mitologias. É comum se admitir caráter científico apenas às organizações de saberes que seguem o pensamento lógico racional. Modelo

⁹¹ Varela, Francisco J. *Connaître - les sciences cognitives, tendances et perspectives*. Paris: Seuil, 1974, p.9/10.

⁹² Varela, F. J. Op. Cit p. 10 e 13.

iniciado pela “epistheme” grega. A partir desta convenção, todos os saberes, destituídos de racionalidade lógica, não gozam de legitimidade científica.

Hoje, o paradigma epistemológico oficial é o das ciências modernas, e, no seu interior, a secção que goza de maior autoridade é a das ciências naturais ou exatas. Em nome delas se exerce o poder de controle, tanto na esfera da produção de conhecimento, quanto na esfera de domínio político. Assim as instituições governamentais adotam como referencial científico as ciências modernas. Os órgãos, encarregados de promover o desenvolvimento do conhecimento, usam o critério da pesquisa empírica. A esses órgãos ou seus representantes, compete julgar o mérito de uma pesquisa, de uma tese, da instalação e avaliação de cursos e instituições de ensino, das produções de conhecimento e das respectivas publicações, além de estabelecer quais são os veículos de comunicação confiáveis.

O mito

A ciência moderna construiu seu castelo mitológico sobre dois pilares. O primeiro e mais sólido é o do monopólio do saber, construído sobre as rochas das certezas e das verdades. A ciência moderna seria onipotente conduzida pelas luzes da deusa Razão. Ela chegou para anunciar o fim dos mitos, das mitologias e das crenças. E foi e é aplaudida de pé pelos homens das ciências.

Os cientistas modernos, armados do novo paradigma epistemológico, seriam capazes de explicar todos os mistérios e desmascarar todos os milagres. Seria uma questão de tempo para desenhar claramente o real em fórmulas e geometrias. O universo acabaria sendo representado com fidelidade pelas conquistas científicas. A ciência se transformaria no espelho “mágico” refletindo o universo. Não haveria mais necessidade de olhar a realidade externa, bastava contemplar o espelho para conhecer o real.

O segundo pilar do castelo mitológico da modernidade foi fundado sobre o conceito de neutralidade. A ciência para ser ciência deve cultivar a objetividade e só a objetividade. A subjetividade devia ser totalmente eliminada. A ciência foi transformada no juiz totalmente confiável pelo seu domínio da verdade e pela objetividade da imparcialidade.

Como complemento deste reinado da ciência, ou das ciências, o bem-estar da humanidade estaria assegurado. Todos os males, talvez, as injustiças também, encontrariam a solução. Estava inaugurado o reino do homem sobre a natureza.

Algum tempo passou, o suficiente para abalar os pilares da verdade científica e da neutralidade. Os estudiosos da ciência, sem negar a validade da mesma, voltaram seu olhar atento sobre as ciências apontando seus méritos e seus limites.⁹³ Assim, a ciência, desenhada pela cientificidade moderna como a fonte exclusiva do saber verdadeiro e imparcial, passou a sofrer a erosão dos ventos míticos.

Os fatos

Os ideais originais da ciência moderna, antes mesmo do que se esperava, começaram sofrer as contradições dos fatos. Primeira amarga constatação: o paradigma epistemológico da cientificidade moderna não passa de uma secção da construção imaginária de uma ordem social, conforme a observação de Francisco Varela, acima citada e corroborada por outros pensadores e cientistas.⁹⁴

⁹³ Os estudiosos da ciência constituem, atualmente, um número crescente de pensadores de todas as áreas que se dedicam a estudar as ciências, como um objeto de pesquisa. A ciência se tornou um objeto de pesquisa, seja como produção do saber, seja como organização de cientista ou seja como questionadores dos poderes que os cientistas, do alto de seu pedestal, se auto-conferiram. A literatura já é vasta e as adesões de estudiosos não param de aumentar.

⁹⁴ Entre eles é bom lembrar, H. Maturana, Bruno Latour, Hilton Japiassu, Alan Chalmers, Gerard Fourez, Peter Sloterdijk, John Horgan, Boaventura de S. Santos, Rubem Alves, Edgar Morin, etc.

As questões propriamente científicas não serão tratadas devido aos limites e aos objetivos desta reflexão, entretanto, é preciso sublinhar que ninguém, em sã consciência, pode negar as grandes contribuições das ciências especialmente no que se refere ao aumento das potencialidades das forças da natureza e do ser humano. Os fatos comprovam tais conquistas.

O reconhecimento do avanço das ciências e suas contribuições para o desenvolvimento da civilização humana não exclui, necessariamente, outras leituras da presença da ciência moderna. A leitura, proposta nesta reflexão, busca compreender a situação do ser humano em sua existência individual e social no momento em que “vivemos na Idade da Ciência”.⁹⁵

Para expor de maneira resumida a existencialidade humana na Idade da Ciência nada mais seguro, talvez, cômodo, recorrer à sabedoria reconhecida de alguns mestres.

A autoridade das sábias observações de Husserl, já na aguda visibilidade de sua vida quase octogenária, nos limiares anunciando a segunda Guerra Mundial, ele, num grito de alerta, profere a famosa conferência, lembrada como “Krisis”, da qual foi extraída a seguinte passagem: “Na angústia de nossa vida – o que nós ouvimos em toda parte – esta ciência nada tem a nos dizer. As questões que ela exclui por princípio são precisamente as questões que são as mais ardentes de nossa época infeliz para uma humanidade abandonada às reviravoltas do destino: estas são as questões que conduzem ao sentido ou à ausência de sentido de toda nossa existência humana”⁹⁶

O grito de alerta husserliano foi ouvido e ampliou sua tonalidade através de outros pensadores, em especial, os da área das ciências humanas, entretanto, atualmente, a maior colaboração surge entre os cientistas. Muitos poderiam ser lembrados, mas Humberto Maturana, certamente, é um excelente representante. O seu questionamento em relação às ciências está presente em várias obras suas, mas a seguinte passagem parece resumir a idéia central de seu pensamento: “Em nossa cultura moderna ocidental falamos da ciência e da tecnologia como fontes de bem-estar humano. Todavia, geralmente não é o bem-estar humano o que nos faz valorizar a ciência e a tecnologia, mas mais precisamente, a possibilidade de dominação, de controle sobre a natureza, e a riqueza ilimitada, que parecem oferecer. Lutamos contra uma natureza hostil, dizemos, e buscamos o conhecimento científico como se fosse um instrumento que nos permitiria controlá-la e manipulá-la, em lugar de compreendê-la”⁹⁷. Neste último aspecto Pierre-Marie Brunetti afirmou: Uma boa medicina não é a dominação tecnológica da natureza, mas a compreensão de sua lógica”⁹⁸. Nada impede que se substitua a medicina pela ciência.

Para completar estes depoimentos sobre a ciência, que são muitos, é preciso voltar a estas palavras de Maturana: “Considero que o maior perigo espiritual que uma pessoa enfrenta em sua vida é acreditar ser o dono da verdade, ou o defensor legítimo de algum princípio, ou o possuidor de algum conhecimento transcendental, ou o dono legítimo de alguma entidade, ou o merecedor de alguma distinção, etc., porque ele ou ela tornam-se cegos a suas circunstâncias, e ingressam no caminho sem saída do fanatismo”.⁹⁹

Certamente, muitos comentários podem ser feitos, mas como não se trata de apresentar a verdade e sim provocar uma reflexão sobre os efeitos das ciências na vida humana, essas poucas

⁹⁵ A expressão “Vivemos na Idade da Ciência” é utilizada pelo Prof. Emmanuel Carneiro Leão para afirmar que é o momento histórico em que a ciência determina o ser e a verdade do real.

⁹⁶ Husserl. E. Trad. Francesa *La crise des sciences européennes*. Paris: Gallimard, 1976, p. 10

⁹⁷ Maturana, H. *La realidad: objetiva o construida I. Fundamentos biológicos de la realidad*. Barcelona: Anthropos, 1997. p. 98.

⁹⁸ Brunetti, Jean-Marie (Org.) *La Médecine a la Question – Une Science de la santé au-delà des mythes de la technique*. Paris: Fernand Nathan, 1981. p. 1.

⁹⁹ Maturana, H. *Op.Cit.* p.102.

citações são suficientes para ativar os sonhos humanizantes.

Ciências e Esporte

Afirmar que as ciências modernas foram proclamadas a base única e indispensável para legitimar todas as atividades produtivas do homem parece não encontrar nenhuma resistência. As discordâncias surgem quando se introduz a questão ética, mas este enfoque não faz parte desta reflexão filosófica.

Com base na afirmação, acima feita, o esporte, sendo uma das atividades humanas em grande expansão, não poderia deixar de ficar imune ou excluído dos saberes científicos. As atividades esportivas, assim como as atividades industriais, comerciais, agrícolas, governamentais, comunicacionais, etc. foram encampadas e controladas pelas ciências.

Ninguém dúvida que os conhecimentos científicos desenvolveram altas tecnologias de superação dos limites humanos, o caminho mais seguro para se chegar aos ideais de *citius, altius, fortius*.

A questão está em saber se as, assim chamadas, ciências do esporte atendem e respeitam a constituição biológica do ser humano. Em outras palavras, o ser humano é a referência prioritária da prática esportiva ou são os modelos esportivos que determinam o modelo da pessoa que pratica tal ou tal esporte?

A resposta mais propalada é de que o fim último do esporte é o bem-estar do seu praticante. Talvez, seja possível. Para isso, certamente, será preciso distinguir o esporte de alto rendimento dos demais modos de práticas esportivas. Infelizmente, aqui, não será viável trazer os argumentos desta exclusão. Os fatos, já conhecidos, podem ser suficientes. Deve-se considerar também que muitos praticantes de esportes, embora abaixo dos índices de alto rendimento, não consideram seus limites e seguem a ideologia do rendimento.

A aproximação dos recursos científicos às práticas esportivas trouxe uma constante aceleração dos índices de rendimento a tal ponto que a constituição genética da corporeidade pode ser dispensada. Dois exemplos, há outros, são suficientes para sustentar tal tese. O primeiro exemplo nos vem da China através do Site Terra com o título “A China cria fábrica de atletas para vencer Olimpíada”.¹⁰⁰ Em entrevista ao Terra, a diretora do centro de treinamento, Li Yuan, explica como funciona a formação esportiva e a dura rotina para se tornar um atleta de alto nível. O segundo exemplo é mais visível e empolgante. Trata-se do caso, já mundialmente conhecido, protagonizado pelo atleta sul-africano, Oscar Pistorius. O físico Marcelo Gleiser, em seu artigo, O homem biônico, publicado na Folha de São Paulo, tece uma argumentação muito estimulante para concluir que “em breve, os atletas mais velozes do mundo não terão pernas”.¹⁰¹

Para concluir essa questão, Husserl oferece uma oportunidade de reflexão através desta afirmação: “La simple science des corps manifestement n’a rien à nous dire, puisqu’elle fait abstraction de tout se qui est subjectif”.¹⁰²

Resta saber em que sentido as ciências do esporte promovem a inclusão social.

A Questão da Inclusão Social e as Ciências dos Esporte

O tema da inclusão social nos introduz num campo amplo e complexo das teorias sociais. Seria

¹⁰⁰ <http://esportes.terra.com.br/pequim2008interna/0,,OI2079893-EI10378,00.html>

¹⁰¹ Jornal, Folha de São Paulo, caderno Ciência, 20.01.2008.

¹⁰² Husserl, E. Op. Cit. p. 10-11.

fundamental, para essa reflexão filosófica, aprofundar a semântica e a abrangência do conceito e dos processos de inclusão social. Evidentemente, nos limites desta apresentação, não será possível fazê-lo, o que, de alguma maneira, traz algum prejuízo.

Para amenizar tal situação serão adotados três pressupostos: a) A exclusão social precede as preocupações com a inclusão social; b) A importância da inclusão social aumenta diante do perigo dos excluídos; c) O aumento do grau de complexidade da ordem social dificulta e limita as possibilidades de inclusão. Esses pressupostos, ainda que não tratados individualmente, servirão para orientar os próximos passos.

Há dois milênios, o pensador grego, Plutarco (45-120), sustentava a tese de que “A Natureza nos pos em aberto, em plena liberdade; somos nós que nos pomos no fechado, nos carregamos de cadeias e nos aprisionamos no pequeno canto que escolhemos por morada”.¹⁰³ Já no século XVI, Montaigne (1533-1592) repete a mesma idéia dizendo que “A Natureza nos põe no mundo livres e sem cadeias; somos nós mesmos que nos aprisionamos nos lugares”.¹⁰⁴ Portanto, se a natureza conferiu a todos a condição de livres no interior de uma ordem natural – e aqui natural não é o oposto de social – é de se supor que, ao surgir limitações e distinções ao direito de liberdade, deve ter havido alterações na ordem primordial.

O surgimento das alterações na ordem da natureza, evidentemente, provém de uma única fonte, o ser humano. O potencial imaginário da espécie humana, por força de sua herança biológica, garantiu a elaboração de diferentes ordens sociais. É no interior destas novas ordens que a liberdade primordial sofre os primeiros ajustes. A questão é saber por que os ajustes acabaram por impor formas e mecanismos de participação. Assim, aqueles que não se submetiam, seja por incapacidade seja por recusa, eram marginalizados ou excluídos. No dizer de Zigmunt Bauman “todas as sociedades produzem estranhos”.¹⁰⁵ Os estranhos são aqueles que não se encaixam na ordem proposta. Além disso, cada sociedade gera seus próprios estranhos de “maneira própria e inimitável”.¹⁰⁶

Os estranhos – termo adotado, aqui, como mais adequado para designar os excluídos – surgem de diferentes maneiras, especialmente, se for considerado que o estranhamento é pontual. Entretanto é possível, em termos gerais, apontar duas modalidades. A primeira, e mais comum, é o estranhamento que surge pelo fato de incapacidade ou de impossibilidade de cumprir as normas estabelecidas pelos construtores da nova ordem. A segunda se origina de uma postura consciente de quem não aceita submeter-se aos princípios propostos que, por sua vez, podiam ser classificados em dois grupos. Os pacíficos, cujo paradigma maior foi o grego Diógenes de Sinope (404-323 a.C.). E aqueles que resistiam pela força. Esses são rotulados como subversivos ou desordeiros.

Diante dos dois modos de estranhamento surgem diferentes e variadas propostas de inclusão. No caso dos estranhos-subversivos se dá a exclusão de fato, seja pelas prisões ou pelo exílio. Em caso extremo pela supressão da vida.

As preocupações com o primeiro grupo de estranhos, por impossibilidade ou por incapacidade, surgem quando estes atrapalham ou se tornam uma ameaça para ordem vigente. Os mecanismos de inclusão variam de sociedade para sociedade e de época para época. Por exemplo, durante a Idade Média a mendicância foi assumida como uma forma de inclusão social. Havia pessoas que recebiam do poder competente um alvará de mendicância, isto é, para sobreviver podiam esmolar. As ordens

¹⁰³ Apud La Boétie, Etienne De. Discurso da Servidão Voluntária. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 209.

¹⁰⁴ Apud La Boétie. Id. Ibid.

¹⁰⁵ Bauman, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 27.

¹⁰⁶ Bauman, Z. id. Ibid.

mendicantes se constituíram no fato mais marcante.

Na atualidade os mecanismos de inclusão social estão centrados nas instituições escolares. Os fatos, contudo, mostram que a escola não consegue atingir a todos, e, mesmo quando atinge, parece que não é suficiente. Em todo mundo, especialmente nos países pobres, o estranhos ou, se preferirem, os excluídos não são apenas os analfabetos, mas também grande parcela dos escolarizados, identificados como alfabetizados funcionais.

Por fim, parece que todos os mecanismos de inclusão giram em torno do mercado de trabalho. Justamente este último ponto será sublinhado nesta reflexão diante da variedade de procedimentos que adotam os esportes como uma das grandes alternativas de inclusão social. Os fatos são muitos, e conhecidos. Vejamos um.

Daniel Larriqueta, economista e historiador argentino, em seu artigo *Los excluídos incurables*, publicado no jornal *La Nacion*, refere-se a uma pesquisa feita na província de Mendonza que revela a existência de 40 mil jovens que não trabalham e não estudam. Os programas de inclusão conseguiram apenas um resultado de 4%. A proposta de inclusão sugerida, segundo seu relato, consistiria em oferecer práticas esportivas e algumas formas de atividades artísticas que possam ser oferecidas e sistematizadas através de clubes e outras instituições. É partir destes atrativos que se poderá propor posteriormente o conjunto da formação laboral e da educação mais completa.¹⁰⁷

As palavras de Larriqueta não necessitam de comentários. Elas são suficientemente claras e explícitas. Ele trata do esporte em geral como forma de disciplinar para o trabalho. As práticas esportivas ou artísticas são apenas um meio de se chegar ao trabalho. Nesta reflexão, entretanto, o que está em jogo é o potencial das ciências do esporte como possibilidade de transformar o próprio esporte em uma atividade laboral, isto é, de inclusão no sistema produtivo.

Então vejamos algumas iniciativas do Ministério do Esporte. Sob a égide da política de que o “ministério quer descobrir talentos esportivos” foi fixada a data cinco de setembro como o “Dia da Descoberta do Talento Esportivo”, coroamento e continuidade do “Projeto Descoberta de Talentos Esportivos. Sua concretização dar-se-ia através de programas, entre eles o “Talentos Esportivos na Escola” que visaria avaliar 100 mil estudantes, entre 10 a 15 anos, para identificar os atletas do futuro. E numa previsão futura avaliar até 1,9 milhão de estudantes das escolas selecionadas”.¹⁰⁸

Estamos diante de uma iniciativa altamente elogiável especialmente sob a ótica dos critérios do sistema de produção empresarial. A observação desta reflexão é que o valor dos programas está dirigido para os talentos não para o conjunto dos avaliados, Desta maneira aqueles que não oferecem índices do perfil do talento não são incluídos na continuidade do programa. Portanto, em 100 mil avaliados, como previu a primeira fase do programa, apenas 4 mil ofereceriam as características de talentos. Seriam os eleitos. E os restantes 96 mil ficariam em que situação? A ciência festejará, ficando na linguagem estatística, 4% e esquecerá 96% da população avaliada. Seria lícito privilegiar a inclusão de 4% em detrimento de 96%? Ou justificar-se eu (ciência) incluí essa parcela, a outra fica ao encargo de outras providências? É possível assegurar que as ciências têm, de fato, o objetivo prioritário de incluir e não de excluir?

Este é apenas o modelo de procedimentos da escolha científica. Em seqüência vem a formação do atleta que obrigatoriamente deverá acontecer na esteira das ciências. E todos conhecem a trajetória, é só lembrar a fábrica de atletas da China, citada anteriormente. Um aspecto pode ser adicionado neste processo de formação atlética, a adesão do candidato, que, recorrendo a La Boétie, pode ser entendido como o autêntico exercício da “servidão voluntária”, cujo significado é o impulso

¹⁰⁷ Jornal, *La Nacion*. Buenos Aires, jueves 13 de marzo de 2008, p. 23.

¹⁰⁸ Site do ministério do Esporte. Agosto de 2004.

social voluntário para a submissão.¹⁰⁹ Para compreender, atualmente, a adesão do atleta de alto rendimento ao regime de treinamento, certamente, não basta a teoria da “servidão voluntária”, é preciso acrescentar, segundo as palavras da historiadora Frances Saunders, “um tipo mais eficaz de propaganda que é: o sujeito se move na direção que você deseja por razões que acredita ser dele”¹¹⁰ No mesmo sentido, Baudrillard, em suas crônicas sobre a sociedade americana, faz o seguinte comentário: “Existe uma linha direta que leva dos instrumentos de tortura da Idade Média aos movimentos industriais do trabalho em cadeia, e depois às técnicas de remodelação do corpo por próteses mecânicas (...) que formam o trabalhador modelo, o corpo perfeito e o atleta vencedor. Fenômenos, segundo ele, que caracterizariam uma nova forma de servidão voluntária”.¹¹¹ É bom lembrar que os instrumentos de tortura medievais eram utilizados para a santificação e purificação da alma.

Seria inadmissível não trazer uma rápida menção aos propalados grandes eventos esportivos, particularmente, os de âmbito mundial dominados pela ideologia do alto rendimento. Entre esses eventos há um que está em primeiro plano em todos os sentidos, reconhecido universalmente. Trata-se das Olimpíadas modernas enquanto resgate dos ideais olímpicos gregos.

Assim, antes de falar das Olimpíadas Modernas, é bom lembrar o significado dos jogos pan-helênicos. Primeiramente, não se pode esquecer que os jogos olímpicos constituíram apenas uma das quatro confederações dos jogos pan-helênicos, ainda que eles tenham sido os primeiros a adquirir uma reputação pan-helênica, como nos lembra Toynbee.¹¹² Em sua história da civilização helênica, Toynbee sublinha três pontos fundamentais da importância dos jogos para os gregos. Primeiramente, ele afirma que “É um traço característico do helenismo o fato de que tenha conseguido expressar sua consciência comum na poesia e no esporte, mas não na política e na religião. Em segundo lugar, “os gregos buscavam, através dos jogos pan-helênicos, promover a paz e a harmonia entre as cidades que compunham a civilização grega”. E, por fim, ele constatou que os jogos além de promover a unidade dos gregos, tinham força para suspender e evitar guerras entre as cidades-estado, despertando a expressão da consciência de uma participação comum na civilização helênica.¹¹³ 65.

Os ideais dos jogos olímpicos cultivados em suas origens helênicas, depois de séculos de esquecimento, retornam no final de século passado, precisamente em 1896, pelas mãos do idealista francês Pierre de Fredy, conhecido como barão de Coubertin. A escolha do local da primeira edição, Atenas, não poderia ser mais simbólica. A Grécia foi o berço dos jogos e, acima de tudo, dos ideais que eles representavam. Infelizmente, a manutenção dos ideais olímpicos não se concretizou plenamente, embora atinja neste ano, 2008, XXVI edição. O primeiro sinal que o evento re-inaugurado estava perdendo a força de promover a paz, a harmonia e evitar as guerras pode ser percebido pela tríplice suspensão de sua realização durante as duas grandes guerras mundiais. E, não demorou muito que, além de não evitar as guerras, as Olimpíadas acabaram sendo palco de guerras ideológicas, políticas e econômicas.

Para resumir esta situação, nada melhor do que reproduzir o que consta no livro, “Os Senhores

¹⁰⁹ La Boétie. Op. Cit. p.

¹¹⁰ Saunders, Francês Stonor. Quem pagou a conta? A CIA na Guerra Fria da Cultura. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed. record. 2008. p. 17.

¹¹¹ Baudrillard, J. Amérique. Paris: Ed. Grasset & Fasquelle. 1968, p. 56. A Transparência do Mal – Ensaio sobre os fenômenos extremos. Campinas, SP: Papyrus, 1992.

¹¹² Toynbee, Arnold J. Helenismo – História de uma civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p. 18-19. Na Grécia foram criadas quatro confederações de jogos pan-helênicos a saber: os Jogos Pítios – os primeiros – (em Delfos); os Jogos Nemésios (no Peloponeso); os Jogos Ístmicos (em Corinto); e os Jogos Olímpicos (na região da Elida)

¹¹³ Toynbee, A.J. Op. Cit. p. 17-19 e 65.

dos Anéis – Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas”.

O MITO

“As Olimpíadas são o maior festival esportivo do mundo; uma magnífica demonstração de decência e honestidade, com um papel fundamental na educação e integração dos povos”.

A VERDADE

“As Olimpíadas modernas são o brinquedo predileto de mais de vinte empresas multinacionais, que pagam centenas de milhares de dólares em patrocínio, fazendo vista grossa para o doping e ambição desmedida de líderes oportunistas como Juan Chamaranch, João Havelange e Primo Nebiolo.”

O CLUBE

“Os Jogos Olímpicos são controlados por uma oligarquia perpetuada ao logo dos anos, que vive no luxo e transformou o esporte num veículo do lucro privado”.¹¹⁴

Conclusão

A filosofia não tem a função de responder, de condenar ou de aplaudir, mas de despertar reflexões, tocar consciências e promover debates. Por isso, estas últimas palavras, nem tanto conclusivas, classificam esta reflexão não como uma filosofia, mas como um filosofar.

O filosofar é uma forma de pensar que se infiltra entre o revelar-se e o ocultar-se do ser, falando heideggerianamente. Não há resposta e, caso se pense em resposta, ela seria apenas a abertura para um novo questionamento. Filosofar é como o brincar, não tem fim, ambos renascem como o fígado de Prometeu. Se não pudessem renascer, não haveria mais brincar nem filosofar. O brincar e o filosofar abrem os espaços para seqüências de novas sinapses. Plutarco, neste seu aforismo, parece ter antecipado a teoria das sinapses: “A mente é um fogo a ser aceso, não um vaso a preencher”.

Portanto, filosofar sobre as ciências do esporte e inclusão social significa entrar no universo que tais fenômenos desenharam para a existência humana, e tentar compreender e interpretar a polissemia de sua fenomenologia.

A ciência aplicada às práticas esportivas potencializa as capacidades humanas. Esta é uma constatação inegável, mas é um ponto de partida. A questão, que já foi posta, está direcionada ao objetivo maior de servir à melhoria de vida e sobrevivência da espécie humana. Neste sentido, Husserl, já citado, se revelou um crítico veemente dos rumos das ciências. Há uma infinidade de autores que seguem o pensamento husserliano levantando outros aspectos da questão. Por exemplo, o professor Galeno Vellinho de Lacerda, numa de suas palestras afirmou que “hoje, quem nos indica e identifica os alunos – (podiam ser os talentos esportivos) – é a frieza da máquina, através de um processo de seleção uniforme e massificante”.¹¹⁵ Os parâmetros das ciências servem também como critérios de avaliação da produção científica comparando-os ao mitológico Leito de Procusto como Jesus Djalma Pécora declara, via correio eletrônico. “Na USP-Procusto os professores devem ser

¹¹⁴ Simson, Vyv e Jennings, Andrew. Os Senhores dos Anéis – Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Ed. Nova Cultura, 1992.

¹¹⁵ Lacerda, Galeno Vellinho de. S/R

pesquisadores e a produção de papers internacionais Qualis A é o tamanho da cama”.

As ciências aplicadas aos esportes, observando os programas oficiais, visam o alto rendimento e a competição. No primeiro caso, a herança genética é prioritária ou é apenas tomada como um potencial inicial a ser explorado? Mais, o que garante maior inclusão, o privilegiamento da parcela de talentos selecionados ou a grande parte dos eliminados? Quando se opta pelos mais dotados, isto é, os de maior retorno do investimento, não se estaria fortalecendo a ideologia da sociedade competitiva que prefere encher os pratos dos mais favorecidos e não dos mais famintos?

Uma última interrogação, sendo o esporte moderno científico baseado na competição, o que obriga vencer o outro, é possível se pensar em solidariedade e cooperação? Por que só um lado pode festejar?

Por fim uma proposta desafiante dirigida, em primeiro lugar, aos que ainda acreditam que as ciências e as tecnologias são o maior, senão o único, caminho de redenção do ser humano, para que suspendam seus ídolos – na linguagem de Bacon – ou pratiquem as epochés – propostas por Husserl – e, segundo lugar, para aqueles que não confiam tanto nas ciências e nas tecnologias, embora dispensados da prática iconoclasta baconiana e da catarse husserliana, para que os dois grupos, num momento de luminosidade humana, desviem o olhar das ciências e procurem saberes em lugares não convencionais, de repente podem ser surpreendidos por poemas como este, coletado por Frei Beto que, segundo ele, algum mendigo anônimo com vocação poética possa ter gravado num muro:

*“Pra falar a verdade
nunca tive pijama,
pra quê se nunca tive cama?
Verdade verdadeira, nunca tive um brinquedo,
apenas tive medo.
Mas hoje há tanto frio, tanta umidade,
que invento um cobertor de sol poente
e um pijama de sol em cama quente.
É bom brincar, sonhar em ser gente”¹¹⁶.*

Essa sabedoria nos leva a oferecer, não índices olímpicos ou de alto rendimento, mas possibilidades de brincar e de sonhar em ser gente.

A educação física que elegeu o esporte de rendimento como seu conteúdo principal, talvez, um dia encontre um poema mendigo e se lembre que, além de se preocupar com dietas para atletas, descubra a existência de milhares de crianças não selecionadas que, em nossos países, sonham com uma nutrição saudável sem a ilusão de pódios, medalhas e recordes.

Com estes objetivos, talvez, um dia possamos erguer esses cartazes:

“A cada ano, 80 mil crianças morrem vítimas de doenças evitáveis. Nenhuma delas é dos Países de Língua Portuguesa”. “Esta noite 200 milhões de crianças dormirão nas ruas do mundo. Nenhuma delas é dos Países de Língua Portuguesa”¹¹⁷.

¹¹⁶ Beto, Frei. “Gente de Rua”, artigo, Jornal Correio Riograndense, Caxias do Sul, RS. 17.01.2007.

¹¹⁷ Os cartazes originais estão em Havana e dizem: “A cada ano, 80 mil crianças morrem de doenças evitáveis. Nenhuma delas é cubana”. “Esta noite 200 milhões de crianças dormirão nas ruas do mundo. Nenhuma delas é cubana”.